

**Linguística
e leitura de
mundos:
linguagem
e sociedade**

Barbara Delgado (PPG-Linguística/ UFJF)
Christiano Almeida (PPG-Linguística/ UFJF)
Fernando Freitas (FALE/ UFJF)

É com grande satisfação que apresentamos o novo número da *Revista Gatilho*, um periódico voltado para a publicação de textos na área de Linguística. Pela diversidade de temas abordados nos trabalhos presentes nesta edição, vê-se a amplitude característica dos estudos sobre a linguagem, um objeto multifacetado sobre o qual se debruçam estudiosos das mais diversas áreas, como Filosofia, Psicologia, Antropologia, Estudos Literários, Estudos Sociais, entre outras. A riqueza desse fenômeno também evidencia a importância que ele desempenha nas mais distintas atividades da vida humana, passando desde práticas corriqueiras, como fazer compras em um supermercado, até as mais complexas, como a política, por exemplo. Nesse sentido, talvez fosse mais adequado englobar os estudos desse rico objeto sob o rótulo de “Ciências da linguagem” (GRONDEUX, 2018, p. 187).

Ao mesmo tempo, a própria denominação *Ciências da linguagem* pode induzir a uma visão que pressuponha a delimitação restrita de um objeto: a linguagem. Inicialmente, isso pode parecer bastante simples, mas, para não nos aventurarmos na tarefa hercúlea de tentar definir o que venha a ser tal objeto, basta contemplar, de relance, a imensa teia de relações nas quais aparecem os fenômenos linguísticos abordados pelos textos aqui apresentados, o que é suficiente para perceber que, seja lá o modo como se define esse objeto, ele parece se manifestar, inequivocamente, sempre entrelaçado às mais diversas atividades e fenômenos imagináveis. Diante disso, não surpreende a apresentação de propostas como a de uma “Linguística Aplicada Indisciplinar”, que sugere atravessar os limites dos diversos campos do conhecimento a fim de obter inteligibilidade das práticas sociais nas quais a linguagem está presente, compreendendo-a como “um lugar de construção da vida social” (MOITA LOPES, 2006, p. 21).

A “vida social”, por sua vez, entendida como a imensa rede de interações entre pessoas, instituições, condições materiais e tudo o que permeia o universo das relações humanas, está sujeita às constantes alterações desses elementos constitutivos. Essa constatação é evidenciada pelo conteúdo dos textos presentes neste número, uma vez que muitos deles abordam questões contemporâneas, nas quais a reflexão sobre a linguagem é feita sempre a partir de sua constituição nas mais diversas práticas humanas e em diferentes meios e situações características da sociedade contemporânea. Assim, o modo como nos comunicamos tem sido alvo de reflexões que buscam compreender as novas possibilidades de interação surgidas em um mundo hiper-conectado e que, cada vez mais, assimila recentes tecnologias de comunicação, como as redes sociais, que remodelam as relações humanas e a maneira como a informação é disseminada.

Nesse sentido, o papel exercido pela linguagem e a comunicação ganha proeminência na observação e nas tentativas de compreender um mundo em constante alteração. Questões como a pós-verdade, a disseminação de notícias falsas, o entrecruzamento entre a realidade e o mundo virtual, a sobreposição entre o real e o imaginário (KAKUTANI, 2018, p. 102), ganham protagonismo nos esforços de compreensão do atual estado de coisas, sendo que os estudiosos que se ocupam, dentro de suas perspectivas, dos fenômenos linguísticos, podem contribuir, de um lugar privilegiado, para um melhor entendimento desse mundo em constante transformação.

A importância da troca de informações para a própria constituição da espécie humana não é novidade, uma vez que esta parece ter se beneficiado, ao longo do processo evolutivo, da aptidão para extrair e retransmitir informações úteis a respeito do meio em que vive. Contudo, esse tipo de constatação ganha um novo protagonismo no contexto atual, em que a circulação de informações enganosas parece atingir volumes até então inéditos. Indagações sobre as consequências dessa atual conjuntura colocam em evidência problemas como as formas de produção do conhecimento, o papel das instituições enquanto formadoras de consensos, evidenciando o próprio debate sobre as origens do conhecimento, uma vez que os humanos parecem acumular grande parte da informação disponível não diretamente da experiência imediata, mas primordialmente do contato intersubjetivo, da comunicação com os seus semelhantes (BOYER, 2018). É nesse sentido que os trabalhos aqui apresentados trazem ricas reflexões, evidenciando a indispensável contribuição que pode ser oferecida pelas ciências da linguagem.

Diante disso, podemos concordar com a proposição de Cunha *et al.* (2008, p. 26-27), ao destacarem que “a linguística está longe de ser uma disciplina homogênea; ao contrário, é um vasto território com muitas noções e orientações teóricas em competição.”

Em um quadro no qual, cada vez mais, as inter-relações dos saberes têm sido colocadas em destaque, posto que uma abordagem exclusivamente *linguística* não dá conta de responder a tudo aquilo que produzimos e fazemos em matéria de linguagem, é preciso sublinhar que a Linguística, enquanto “ciência e disciplina”, ao contrário do que possa parecer, não se encontra em uma situação estática ou inerte diante das “novas” demandas do mundo contemporâneo. Erige-se justamente desse entendimento o papel e a função que a Linguística Aplicada (L.A.) passou a ter dentro da investigação linguística depois da década de 1950.

Foi possível, diante disso, colocar em evidência questões que antes não eram pautadas como foco para/da investigação linguística, isto é, questões sobre gênero, sexualidade e raça, que, de fato, não eram escopo de análise detida pelos linguistas. Nesse sentido, o aspecto social da linguagem, vinculada especificamente à “resolução de problemas da vida cotidiana” (CUNHA *et al.*, 2008, p. 27), passou a ter espaço na agenda dos linguistas, principalmente a partir da chamada “virada pragmática” (ARAÚJO, 2004).

Dito isso, a relação estreita entre linguagem e sociedade pode ser facilmente observada por meio da seguinte ponderação de Moita Lopes (2013, p. 227): “O estudo das relações entre linguagem e vida social, especificamente, das relações entre linguagem e classe social, gênero, sexualidade, raça etc., tem sido um grande tema da Sociolinguística Variacionista (SV) e, mais recentemente, da Linguística Aplicada (L.A.) brasileira”. Daqui, pelo menos dois pontos podem ser destacados. O primeiro refere-se ao fato de que, embora a S.V. e L.A. compartilhem um interesse por fenômenos sociais e linguísticos “semelhantes”, Moita Lopes, nesse mesmo texto, elenca aspectos teóricos e metodológicos que as distinguem; em segundo lugar, discussões e considerações sobre gênero, sexualidade e raça passam a integrar, de forma efetiva, os estudos da linguagem, como mencionado anteriormente.

Dentro ainda das considerações do autor (2013, p. 230), é possível observar o embate entre a posição moderna e a crítica feita a ela, pois aquela estava fundamentalmente baseada em uma forma que considerava o sujeito social como sendo homogêneo e essencializado. Um sujeito, em certa medida, incapaz de agir ou de *performar* por meio da linguagem. Conforme considera Cameron (1997, p. 49 in MOITA LOPES, 2013, p. 231), “as pessoas são quem são por causa (entre outros fatores) do modo como falam”, ou seja, o sujeito se posiciona e age no mundo por meio da linguagem que adota, estando essa vinculada às situações e aos contextos em que estão inseridas. Ao considerar o aspecto dinâmico das práticas sociais e da linguagem, é possível observar e compreender como a idade, o gênero, a sexualidade e a raça são aspectos da nossa sociabilidade, móveis, transitórios e fragmentários (MOITA LOPES, 2013, p. 232).

É justamente diante de todas essas questões que a Linguística Aplicada, em grande parte, pode oferecer um quadro teórico e metodológico consistente e, ao mesmo tempo, plural, uma vez que também adota não só pressupostos analíticos e teóricos da linguística, mas também o de outras áreas do saber, como a antropologia, a etnometodologia e as ciências sociais. Essa perspectiva “multidisciplinar” (CUNHA *et al.* 2008), que se apresenta também como *transdisciplinar*, abre espaço para que se pense uma Linguística Aplicada *indisciplinar*.

Entretanto, se as relações existentes entre linguagem e sociedade, assim como, entre as diferentes áreas do saber, já estão avançadas no debate acadêmico, a escola ainda mantém tradicionalmente afastadas de seus programas ações que considerem as questões e as atividades humanas da vida social. Embora os documentos orientadores da educação brasileira apontem para a necessidade de haver a “vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais” (BRASIL, 1996), ainda hoje encontramos desafios para que essa agenda seja cumprida. Em parte, e sobretudo nos últimos anos, como resultado de uma política de silenciamento e de fiscalização do trabalho docente, materializadas em projetos como o Escola sem Partido, que, apesar da derrota legislativa, foi amplamente adotado no país. Mas, também, porque trata-se de um caminho nem sempre apazível, em que os professores se colocam frente a temas e situações que também os afetam diretamente.

Para que os processos educativos levem em conta as diferentes práticas sociais, assim como as diferentes formas de ser, de pensar, de agir, sendo eles próprios centrais, e não pretextos para conteúdos programáticos, é necessário que os professores promovam uma educação verdadeiramente engajada, crítica, libertadora, menos transmissora e rica em agenciamento. Isso implica que “os professores devem assumir responsabilidade ativa pelo levantamento das questões sérias acerca do que ensinam, como devem ensinar e quais são as metas mais amplas pelas quais estão lutando. Isto significa que eles devem assumir um papel responsável” (GIROUX, 1997, p.161).

A nova postura necessária aos professores não deve, contudo, ser limitada a estes. É essencial que esse movimento seja alargado amplamente aos estudantes, de modo que a escola atenda ao chamado freiriano de ir à leitura do mundo (FREIRE, 2003). Trata-se de criar espaços de formação dialógica e criativa: “fazer da sala de aula um contexto democrático onde todos sintam a responsabilidade de contribuir é um objetivo central da pedagogia transformadora” (HOOKS, 2013, p. 56). É necessário ler e escrever o mundo a partir de uma lente crítica, que não desconsidere noções como a luta entre oprimidos e opressores (FREIRE, 2003). A Escola perde, nesse contexto, seu caráter de treinamento, de transmissão, e defende uma verdadeira formação humana e política, que vise à libertação dos sujeitos. Em termos de L.A., trata-se de ouvir cada vez mais as vozes dos marginalizados e assumir abertamente uma agenda pelo fim do sofrimento humano (MOITA LOPES, 2006).

No centenário de Paulo Freire, reiteramos a importância de que a leitura do mundo preceda a leitura da palavra. Para isso, a relação entre a linguagem e a sociedade, de que tratamos inicialmente, volta ao centro. É primordial que a escola deixe de ter como base uma concepção de língua que se propõe neutra, apolítica, autônoma, transparente e ferramenta de representação direta do mundo. Como consequência, há uma língua e uma educação completamente atentas ao contexto histórico em que estão incluídas. Isso aponta para uma concepção de letramento muito além das aulas de Língua, ou seja, uma perspectiva de letramento que compreende as identidades como sendo constantemente produzidas por meio da *performatividade* da linguagem, uma vez que é por meio da interação que aprendemos como agir nas práticas sociais.

Portanto, um primeiro passo necessário está na compreensão de que as salas de aula, uma vez que são palcos da vida social, tendem a ser estruturadas nas mesmas bases racistas, lgbtqifóbicas, machistas e classicistas que vêm promovendo a desigualdade há muito tempo por meio também do silenciamento (HOOKS, 2013; FREIRE, 2011; MOITA LOPES, 2006 e toda uma tradição dos estudos sociais e educacionais). A partir disso, há a possibilidade de uma construção coletiva de processos formativos que sejam transitivos, colaborativos, não solitários.

Apresentamos a atual edição da *Revista Gatilho* tendo em mente a mesma mudança proposta por Freire, quando nos ensinou, que

a práxis não é a ação cega, desprovida de intenção ou de finalidade. É ação e reflexão. Mulheres e homens são seres humanos porque se fizeram historicamente seres da práxis e, assim, se tornaram capazes de, transformando o mundo, dar significado a ele. É que, como seres da práxis e só enquanto tais, ao assumir a situação concreta em que estamos, como condição desafiante, somos capazes de mudar-lhe a significação por meio de nossa ação (FREIRE, 2011, p. 134).

Os artigos que ora são apresentados realizam, à sua maneira, reflexões a partir de ações e acerca de textos e de práticas da vida social cotidiana. São movimentos da práxis para que a escola (e, conseqüentemente, toda a sociedade) tenha meios de ressignificar o mundo, assumindo a responsabilidade de promover mudanças e propor uma construção social nova, menos opressora e desigual. Convidamos os leitores da atual edição a compartilhar novas lentes.

A diversidade de abordagens e de possibilidades envolvidas nos estudos que abordam a linguagem, como já mencionado anteriormente, é evidenciada pela escolha dos temas explorados nos textos deste número. Sendo assim, o artigo **Programa Viva a Palavra como espaço de desaprendizagem: um exercício em Pragmática Cultural**, de autoria de Gílian Gardia Magalhães Brito, utiliza a abordagem da Linguística Aplicada para analisar um programa oferecido pela Universidade Estadual do Ceará.

A seguir, Manassés Morais Xavier e Maria Dnalda Pereira da Silva, no artigo **A concepção de enunciado na BNCC: possibilidades dialógicas**, exploram as relações entre a Base Nacional Comum Curricular e as concepções dialógicas da linguagem.

Pauler Castorino e Vanessa Regina Duarte Xavier investigam alguns neologismos utilizados para designar estilos de vida no perfil de uma revista no *Instagram*, abordando questões de análise lexical no artigo **Estilos e mudanças terminológicas da moda no Instagram da Harper's Bazaar Brasil**.

Em **O uso de poemas brasileiros no ensino de PLE: um recurso para trabalhar interculturalidade e contexto histórico**, Gabriela Viol Valle explora o uso de poemas nas atividades envolvidas no Ensino de português como língua estrangeira (PLE).

Adotando a perspectiva da Análise Dialógica do Discurso, o artigo **O caso João Alberto: leitura dialógico-discursiva de manchetes e comentários on-line no Instagram**, escrito por Jeniffer de Oliveira Barbosa e Manassés Morais Xavier, apresenta uma análise de manchetes jornalísticas e de comentários no *Instagram* a respeito do caso João Alberto¹, referido no título.

O estudo de assuntos ligados à contemporaneidade também é tema do artigo, **A organização enunciativa do discurso religioso de representantes cristãos sobre o aborto em canais do Youtube**, de Glicéria Márcia Saraiva Paes Russi e Mônica Santos de Souza Melo, cuja abordagem se baseia na Teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau.

1 O caso João Alberto Freitas diz respeito ao espancamento e assassinato por asfixia de João Alberto Silveira Freitas, pelas mãos de seguranças de uma loja da rede Carrefour.

A perspectiva da pesquisa-ação embasa o artigo **Digital Literacies practices in the English language classroom: filter bubbles**, de Nayara Stefanie Mandarinino Silva, que tem como foco os letramentos digitais nas aulas de língua inglesa, analisando como os alunos podem ser afetados por esses *filterbubbles*.

Por fim, Carlos Gustavo Camillo Pereira adota os pressupostos da Análise da Conversa Etnometodológica e da Análise Crítica do Discurso para discutir a interação xenófoba entre um refugiado no Brasil e outros três cidadãos brasileiros, que é o tema do seu artigo **“Sai do meu país!” x “não vou embora” : Análise de práticas discursivas de ataque e de resistência a partir da ótica dos estudos da fala-em-interação social.**

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, I. L. A natureza do conhecimento após a virada linguístico-pragmática. In: **Revista de Filosofia**, Curitiba, v. 16, n.18, p. 103-137, 2004. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/aurora/article/view/1483>. Acesso em: 15 jan. 2022.

BOYER, P. **Minds make societies**: How cognition explains the world humans create. New Haven: Yale University Press, 2018.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional 9.394/96**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/19394.htm. Acesso em: 12 jan. 2022.

CUNHA, A. F.; COSTA, M. A.; MARTELOTTA, M. E. Linguística. In: MARTELOTTA *et al.* **Manual de Linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FREIRE, P. *et al.* **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 2003.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 14. ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GIROUX, H. A. **Os Professores Como Intelectuais**. Porto Alegre: Artmed Editora, 1997.

GRONDEUX, A. A emergência da diferenciação língua/linguagem/fala. In: **Dicionário dos intraduzíveis**. Um vocabulário das filosofias: vol. Um/ Coord. Barbara Cassin; Org. Fernando Santoro, Luisa Buarque. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

KAKUTANI, M. **A morte da verdade**: Notas sobre a mentira na era Trump. Rio de Janeiro: Ed. Intrínseca, 2018.

LYONS, J. Linguagem e Sociedade. In: _____. **Linguagem e Linguística**: uma introdução. Tradução de Marilda Winkler Averbug. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1987 [1981]. p. 244-272. Cap. 9.

MOITA LOPES, L. P. Da aplicação de linguística à linguística aplicada indisciplinar. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. (Org.). **Linguística aplicada**: um caminho com diferentes acessos. São Paulo: Contexto, 2015. p.11-24.

MOITA LOPES, L. P. Gênero, sexualidade, raça em contextos de letramentos escolares. In: _____. (Org.). **Linguística Aplicada na Modernidade Recente - Festschrift** para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola, 2013.

REES-MILLERS, Janie. Applied Linguistics. In: ARONOFF, M.; REES-MILLER, J. (Eds.). **The Handbook of Linguistics**. Oxford: Blackwell Publisher, 2003.

WILSON, V.; OLIVEIRA, M. Rios de. Linguística e ensino. In: MARTELOTTA *et al.* **Manual de Linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.